

Os empresários querem investir

por Cândida Vieira
de São Paulo
(Continuação da página A-1)

Só 8% têm esperança de uma redução para as vizinhanças dos níveis internacionais – o que poderia significar um forte alento aos negócios. Há ainda um contingente muito reduzido (2%) de empresários que temem uma nova alta dos juros.

A inflação, definitivamente, deixou de representar uma dor de cabeça para empresários e executivos: 45% dos participantes estimam uma variação entre 8% e 10%, 40% situam seus palpites entre 5% e 8%. Mais otimistas ainda, 2% dos consultados esperam uma inflação de 0 a 5%.

As opiniões, contudo, estão divididas em relação ao comportamento do déficit público. Para 37% dos pesquisados, o déficit ficará abaixo de 4% do PIB o que vai permitir a consolidação do Plano Real. No entanto, 33% avaliam que a continui-

dade do déficit compromete a consolidação do programa de estabilização. A pesquisa mostra ainda que, para 79% dos empresários, o Plano Real ainda precisa ser consolidado.

Dos 368 informantes, 40% eram do setor industrial, 15% do de serviços, 31% do setor financeiro, 9% do comércio e 5% de outros setores. Do total, 51% estão ligados às grandes empresas, 27% às médias e 22% às micro e pequenas empresas.

ERROS E ACERTOS

A comparação entre as expectativas de empresários e executivos e o desempenho da economia em 1996 mostra um balanço equilibrado de erros e acertos. No final de 1995, a maioria deles – 53% – acreditava que a manutenção da atual política cambial iria permitir o equilíbrio da balança comercial este ano. No entanto, o déficit comercial chegou a US\$ 2,9 bilhões

até outubro e deve encerrar em torno de US\$ 5 bilhões.

A esperança de equilíbrio na balança comercial este ano foi identificada pela sondagem da Internews sobre “O Que Esperar de 1996”, realizada em novembro de 1995. Os maus resultados na balança parecem confirmar a percepção dos entrevistados de que havia defasagem cambial. Para 30% dos pesquisados, a defasagem do câmbio estava entre 10% a 20% e para 28% deles entre 5% a 10%. Cálculos de defasagem cambial continuam bastante divergentes, mas a sobrevalorização do real é quase um consenso.

As previsões da maioria dos empresários sobre a inflação anual também não se confirmaram, porque 41% acreditavam que ela seria de 15% e um contingente de 35% apostava numa taxa de 20%. Também não se confirmou a avaliação de 63% dos pes-

quisados de que a indexação deveria ser eliminada gradualmente para o sucesso do Plano Real.

Em outras questões, no entanto, as expectativas dos entrevistados mostraram-se acertadas. A taxa de crescimento do PIB, para 56% dos participantes, ficaria entre 2% e 4% – e, a estas alturas, a estimativa é de um crescimento próximo de 3%. Na opinião de 55% dos consultados, as decisões empresariais seriam orientadas para o aumento da produtividade sem realizar novas contratações – exatamente o que está ocorrendo na maior parte dos setores.

Dessa sondagem, realizada em novembro de 1995, participaram 504 informantes, sendo 46% pertencentes ao setor industrial, 19% ao financeiro, 19% ao setor de serviços, 10% ao comércio, 2% à agropecuária e 4% a outros setores. Do total, 56% eram empresas de grande porte, 28% médias e 16% pequenas.

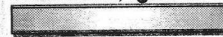
As expectativas dos empresários

Intenção de investimentos

Para 49%, acima de 1996



Para 33%, igual a 1996



Para 8%, abaixo de 1996



Para 3%, não há planos de investimento



Para 7%, nenhuma das alternativas anteriores



Movimento pela reeleição

Para 80%, deve resultar na aprovação e no fortalecimento presidencial



Para 8%, na aprovação e no enfraquecimento presidencial



Para 6%, na rejeição e no enfraquecimento de políticas econômicas



Para 2%, na rejeição e na normalidade do mandato presidencial



Para 4%, nenhuma das alternativas anteriores

